

SANTA CEIA OU EUCARISTIA — UM PONTO DE DISTINÇÃO ENTRE OS DOIS CRISTOS DA BÍBLIA

SANTA CENA O EUCARISTÍA — UN PUNTO DE DISTINCIÓN ENTRE LOS DOS CRISTOS DE LA BIBLIA

LORD'S SUPPER OR EUCHARIST — A POINT OF DISTINCTION BETWEEN THE TWO CHRISTS OF THE BIBLE

Ediek Pereira Nunes Junior¹

RESUMO

Abordando o instituto da Santa Ceia, este artigo tem por objetivo expor a existência dos dois Cristos da Bíblia. Nessa linha, cotejou-se a Bíblia atual com as Bíblias e os livros dos primeiros cristãos. A comparação revelou que há um Cristo que participou da Santa Ceia pascal antes de sua execução, bem como deu a ordem para que os cristãos celebrassem esse ritual; como também expôs que há outro Cristo, que não participou da Santa Ceia pascal e que, *ipso facto*, não deu ordem alguma com relação a esse assunto.

Palavras-chave: Bíblia. Crítica textual. Adulteração. Santa Ceia. Eucaristia.

RESUMEN

Al tratar sobre el tema de la institución de la Cena del Señor, este artículo pretende exponer la existencia de los dos Cristos de la Biblia. En este sentido, se ha comparado la Biblia actual con las Biblias y los libros de los primeros cristianos. El cotejo ha revelado que existe un Cristo que participó en la Cena Pascual antes de su realización, además de dar la orden a los cristianos para que celebren este ritual; al mismo tiempo, ha revelado que existe otro Cristo, que no participó en la Cena Pascual y que, *ipso facto*, no dio ninguna orden a este respecto.

Palabras clave: Biblia. Crítica textual. Adulteración. Santa Cena. Eucaristía.

ABSTRACT

In dealing with the institution of the Lord's Supper, this article aims to expose the existence of the two Christs of the Bible. In this regard, it has been compared the present Bible with the first christians' Bibles and books. The comparison revealed that there is one Christ who partook in paschal Last Supper before his execution and who ordered the christians to celebrate this ritual, as well it revealed that there is another Christ, who didn't take part in paschal Last Supper and who, *ipso facto*, gave no order with respect to this matter.

Key words: Bible. Textual criticism. Adulteration. Lord's Supper. Eucharist.

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense/ESR

Pois o Diabo tem seus próprios cristos, [...]².
(Firmicus Maternus, *Do Erro das Religiões Profanas*, XXII.4).

INTRODUÇÃO

A afirmação de que existem vários cristos deve soar estranha aos ouvidos modernos — estranha, sobretudo, ao declarar a existência de dois Cristos na Bíblia. Todavia, assim não seria na antiguidade, quando cada nação tinha um que lhe era peculiar. Osíris, Dumuzi (Tamuz), Mitra, Dioniso, todos eram os salvadores de sua nação. Se antes havia vários cristos, por que hoje seria diferente? O homem de ontem é o mesmo de hoje, e estará sempre pronto a fabricar um cristo para si.

O propósito do presente artigo é demonstrar que, na própria Escritura Sagrada, existe uma tensão entre dois cristos que se opõem mutuamente. Essa tensão pode ser verificada em temas como: santa ceia, nome, origem e dia da ressurreição. Optei, aqui, pela questão da santa ceia. Tendo esse *leitmotif*, discorrerei sobre o processo de adulteração da Escritura Sagrada, citando alguns livros cristãos dos primórdios do Cristianismo e um antigo manuscrito bíblico. Depois, abordarei a festa judaica da Páscoa, desde que a Santa Ceia pascal era o ritual que dava início a esse feriado anual judeu. Nesse tópico, tornar-se-á patente que um dos Cristos não participou da Santa Ceia pascal por ocasião de sua morte e, com o apoio de vetustos manuscritos bíblicos e de antigos livros cristãos, revelarei que Cristo não disse a seus seguidores que celebrassem a Santa Ceia em memória dele (Lc 22.19).

O Novo Testamento postula uma fé lógica. Nas palavras do apóstolo Pedro, o cristão deve estar pronto “para responder a todo aquele que vos pedir a *lógica* [λόγον, de *lógos*] da esperança que há em vós” (I Pe 3.15). E o apóstolo Paulo ensina que o culto cristão seja um “culto lógico [λογικὴν, de *logikós*]” (Rm 12.1). Lamentavelmente, os líderes cristãos defendem doutrinas ilógicas e contraditórias. Uma dessas crenças é aquela segundo a qual Deus teria preservado inalterada sua Palavra através dos séculos. Ora, se o Deus que é amor e que é todo-poderoso não impede o assassinato de crianças, como ele poderia manter intacto um livro (a Bíblia) se uma vida humana tem maior valor do que um objeto?

Que os descrentes, desde o início do Cristianismo, sempre atribuíram à Escritura Sagrada a pecha de adulterada, é lugar-comum. Os crentes, de sua parte, defendem-se com a

² MATERNUS, Julius Firmicus. *De errore profanarum religionum*. Edidit Konrat Ziegler. Lipsiae: G. B. Teubneri, 1907. p. 58. Disponível em: <<https://archive.org/details/deerroreprofanar00firm>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

alegação de ignorância e falta de fé dos primeiros. Nessa disputa, somos forçados a concordar com o pai da maçonaria de rito escocês quando ele diz que:

Os Mestres, mesmo do Cristianismo, são em geral os mais ignorantes do verdadeiro significado daquilo que ensinam. **Não há livro algum do qual tão pouco se conhece como a Bíblia.** Para a maior parte das pessoas que a leem, ela é tão incompreensível quanto o Zohar. (PIKE, 1946, p. 105. Grifo nosso).

Porque os próprios pais da Igreja admitiram que a Escritura Sagrada está corrompida; e, infelizmente, os membros da Igreja nada sabem a respeito. Quanto a isso, manifestaram-se o bispo Dionísio de Corinto (c. 170 d.C.) e também o pai da Igreja Orígenes de Alexandria (c. 185 – 253 d.C.). Veja:

Pois, desde que os irmãos me consideraram digno de escrever cartas, eu escrevi. Mas esses apóstolos do diabo encheram-nas de joios, removendo algumas coisas e acrescentando outras. A maldição está posta sobre eles! **Não admira, pois, se também alguns têm acrescentado registros fraudulentos nos escritos do Senhor,** quando conspiraram contra os [escritos] que não são semelhantes [a esse]. (DE CORINTO *apud* SCHWARTZ, 1903, p. 378. Grifo nosso).

Agora é evidente que tem ocorrido muita diferença entre as cópias — quer pela negligência de alguns escribas, quer pela ousadia inábil de outros, ou daqueles [escribas] descuidados da revisão do que foi escrito, ou mesmo **daqueles [escribas] que acrescentaram ou suprimiram [trechos] durante a revisão, como bem lhes parecia.** (GOHL, 2017, p. 31. Grifo nosso).

O argumento contrário sustenta que tais alterações foram operadas pelos cristãos heréticos. Entretanto, hoje já se sabe que os cristãos ditos ortodoxos também obraram inúmeras adulterações na Bíblia. O doutor Johann David Michaelis (1717 – 1791), luterano e professor da Universidade de Halle (Alemanha), ensina-nos que o próprio Orígenes de Alexandria, pai da Igreja, corrompeu a Escritura Sagrada. Confira:

E é um fato certo que **várias leituras em nosso texto impresso, comum não são mais do que alterações feitas por Orígenes,** cuja autoridade era tão grande na Igreja Cristã que as emendas que ele propôs, foram universalmente aceitas, embora ele mesmo reconhecesse que elas não eram apoiadas por provas em manuscrito algum. (MICHAELIS, 1802, p. 368. Grifo nosso).

Ao lado de Orígenes de Alexandria, também temos Jerônimo de Strídon (c. 347 – 420 d.C.), pai e doutor da Igreja, que confessou ter realizado adulterações na Bíblia católica.

O mundo romano era dividido em dois. Da Itália para o oeste, tinha-se a Roma Ocidental, onde o idioma corrente era o latim. Da Grécia (inclusive Egito) para o leste, tinha-se a Roma Oriental, cuja língua franca era o grego, no dialeto comum (*koinê*). Os livros do Novo Testamento foram escritos na Roma Oriental, em grego; e, por iniciativa particular, foram gradativamente traduzidos para o latim, para uso dos cristãos da Roma

Ocidental. Essa primeira Bíblia (cópias manuscritas) da Roma Ocidental recebeu o nome de *Vetus Latina* (Latina Antiga) ou *Vetus Itala* (Italiana Antiga). Foi o texto corrente entre os cristãos do ocidente até a primeira Bíblia oficial da Igreja, a *Vulgata Latina*, cujo Novo Testamento foi publicado no ano de 385, e Antigo Testamento, no ano de 405 d.C.

A *Vulgata* é obra de Jerônimo de Strídon. É uma tradução para o latim, a partir das línguas originais (grego e hebraico). Ao findar a tradução do Novo Testamento (ano 384), Jerônimo escreveu uma carta para o papa Dâmaso na qual se isentava de todas as adulterações que promovera em seu trabalho. Essa carta serviu de prefácio ao Novo Testamento da *Vulgata Latina* até o tempo em que o povo não tinha a Bíblia em seu idioma nacional. A partir da Reforma Protestante (1517), que obrigou a Igreja Católica a traduzir a *Vulgata* para cada idioma europeu, a carta de Jerônimo foi expurgada da Bíblia católica.

Como exemplo desse fato, a carta de Jerônimo pode ser encontrada na *Bíblia Gutenberg* (1454). Pode ainda ser vista na tradução da *Vulgata* para o italiano, isto é, na *Bibbia Malermi* (iniciativa particular, ano 1471), em sua edição de 1490 (*Biblia Vulgare Storiata*), sendo publicada, pelo menos, até a edição de 1525. Entretanto, na edição do ano de 1567, a *Bibbia Malermi* já não traz a carta de Jerônimo. Também na 1.^a edição da *Bishop's Bible* (publicação oficial, ano 1568), que é uma tradução da *Vulgata Latina* para o inglês, não mais se vê essa carta antes do Novo Testamento. Agora, veja como Jerônimo confessa ter adulterado o antigo texto da Escritura Sagrada, e com que palavras ele lança a culpa sobre seu chefe, o papa Dâmaso:

INÍCIO DO PREFÁCIO AOS EVANGELHOS DE SÃO JERÔNIMO, O PRESBÍTERO.

Jerônimo ao beato Papa Dâmaso.

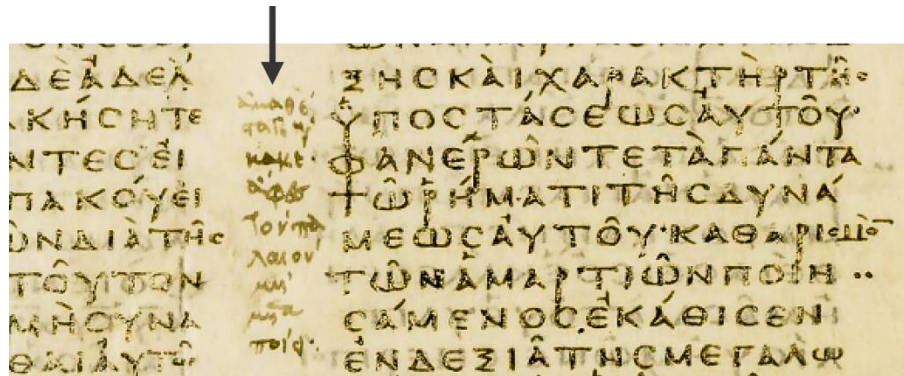
Obrigas-me a fazer obra nova duma antiga, assim que, depois de já espalhadas cópias da Escritura por todo o mundo, me vejo na contingência de tomar assento, feito um árbitro, e, dado que [as cópias] variam entre si, decidir quais são as que se encontram em consonância com a verdade do [texto] grego. Trabalho que me é impôsto pela piedade filial para contigo, mas que **não deixa de ser uma perigosa presunção: a de que ajuíze dos outros justamente aquêle que deveria ser por todos julgado, a de mudar** [as palavras bíblicas a que já se acostumou] **a língua do ancião** — é forçar um mundo já entrado em anos a retornar aos rudimentos próprios da infância!...

Pois qual será o douto — ou igualmente o indouto — que, havendo tomado nas mãos o volume e percebido que o que aí vai lendo é de sabor diferente daquele a que uma vez se habituou para sempre, não há de prorromper em imediato protesto, gritando que eu, falsário, sou um sacrílego cuja ousadia chega ao ponto de em livros tradicionais fazer acréscimos, mudanças, correções!?

Como compensação à acrimônia que assim me atinge, **dois motivos tenho de consôlo**: por um lado, **que a ordem de execução** [dêsse trabalho] **vem de ti, que és Sumo Sacerdote**, e, por outro, que são os próprios maldizentes a dar testemunho confirmatório de que aquilo que varia não é verdadeiro. Pois se é ao teor dos textos

latinos que se deve prestar fé, digam-nos então a qual dêles: são quase tantos quanto os próprios códices! Se ao contrário é para procurar a verdade [eruido-a da comparação] de mais exemplares, então por que não remontamos ao original grego e corrigimos aquilo que [no latim] foi em má forma pôsto em circulação por tradutores sem correção ou “emendado” para pior por palpiteiros incompetentes ou aditado ou trocado por copistas sonolentos? (PERRELLA; VAGAGGINI, 1968, p. 202-203. Grifo nosso).

FIGURA 1 - Parte da página n.º 1512 do *Codex Vaticanus Graecus 1209*. A queixa de um escriba³



Fonte: Wikipédia, verbete *Codex Vaticanus*. Com acréscimo de uma seta indicativa por este autor. Autorizado seu reuso pela *Wikimedia Commons*, no arquivo *Codex Vaticanus B, 2Thess. 3,11-18, Hebr 1,1-2,2*. Imagem também disponível em: <https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.gr.1209>. Acesso em: 15 jun. 2019.

No que concerne ao trabalho de Jerônimo na *Vulgata Latina*, podem ser citadas suas adulterações na tradução das palavras gregas *ἐκκλησία* (*ekklēsia*, assembleia de cidadãos de um Estado grego) e *σταυρός* (*staurós*, estaca). Todavia, prefiro descansar na autoridade da doutora Uta Ranke-Heinemann, a primeira mulher a ter uma cadeira de Teologia numa universidade católica e a primeira a perdê-la, cuja demissão se deu após a publicação de seu livro *Eunucos pelo Reino de Deus*. Confira como Uta Ranke-Heinemann expõe a maldade do pai Jerônimo de Strídon:

Não há pessimismo sexual no judaísmo do Antigo Testamento. No entanto, muitos católicos já encontram as raízes desse pessimismo no Antigo Testamento, especificamente no Livro de Tobias, que foi composto por volta de 200 a.C. Na realidade, a colocação deste fundamento bíblico do ascetismo sexual deve-se atribuir

³ Essa página registra o trecho de II Tessalonicenses 3.11-18 e a Carta aos Hebreus 1.1 a 2.2. O curioso é que, entre a primeira e a segunda coluna do texto, ao lado de Hebreus 1.3, podemos ler a seguinte queixa de um copista: *ἀμαθέστατε καὶ κακέ, ἄφες τὸν παλαιόν, μὴ μεταποιεί* (BÍBLIA, 1867, p. 278) que, traduzido, passa a ler: “**Insensato e perverso! Deixa intato o antigo [texto], não o altera!**”! O *Codex Vaticanus*, ou Códice Vaticano — que recebe esse nome porque está guardado na Biblioteca Vaticana —, foi produzido por volta do ano 350, mas não permaneceu imaculado até nossos dias. Até chegar à forma atual, o *Codex Vaticanus* passou pela mão de três escribas: (1) o escriba que o escreveu; (2) o escriba que o corrigiu após sua elaboração; e (3) o escriba que retraxou suas letras por volta do século XI. Segundo Bart Ehrman (2017, p. 54, 66), o primeiro escriba redigiu “Cristo *manifesta* [φανερων] todas as coisas” (Hb 1.3); o segundo escriba alterou o texto para “Cristo *sustém* [φερων] todas as coisas”; e o terceiro escriba restaurou a redação original: “Cristo *manifesta* [φανερων] todas as coisas”, acrescentando a supracitada nota marginal na qual increpa o segundo copista com termos de baixo calão — “insensato e perverso”.

ao Pai da Igreja Jerônimo (m. 419/420). **Em sua tradução da Bíblia para o latim (a Vulgata), que até hoje é considerada autoridade em matéria de doutrina pela Igreja Católica, ele alterou o texto, desviando-o para o ideal da castidade.** [...]. Embora se diga na versão original que na primeira noite o casal dormiu junto, Jerônimo faz Tobias esperar três noites antes de consumir sua união com Sara. E quando Tobias dela se aproxima, depois de três noites de oração, pronuncia palavras que não procedem do judaísmo, mas de Jerônimo: “Ora, vós sabeis, ó Senhor, que não é para satisfazer minha paixão que recebo minha prima como esposa, **mas unicamente com o desejo de suscitar uma posteridade**” (Tb 8, 9). **Essa afirmação forjada foi citada por todos os teólogos rigoristas até hoje como um argumento para a finalidade exclusivamente procriadora do casamento.** (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 28-29. Grifo nosso).

Diante do que temos visto, sou forçado a afirmar que a Escritura Sagrada encontra-se adulterada tanto nos manuscritos gregos quanto nas traduções que lhe foram dadas.

Há, contudo, um fato que não se pode prescindir quando é abordado o tema *adulteração da Bíblia*. Trata-se da repressão estatal ao modo de vida cristão até o princípio do século IV de nossa era. Tal repressão tem início com o próprio Estado judeu (At 5.18; At 8.3; At 9.1, 2) para, depois, continuar sob o poderio de Roma.

O Estado romano reprimiu o crime de ser cristão não somente condenando os cristãos às mais diversas penas mas também destruindo os objetos do crime, em particular, as Bíblias. Segundo o historiador Mário Giordani (1983), desde a primeira repressão romana (com o imperador Nero, no ano 64 d.C.) até a concessão de liberdade ao culto cristão (com o Édito de Milão, no ano 313 d.C.), houve 129 anos de repressão intercalados com 120 anos de paz.

A repressão mais intensa deu-se no tempo do imperador Diocleciano, começando com a promulgação de quatro éditos contra os cristãos (ano 303 d.C.) e findando com o Édito de Milão (ano 313 d.C.). Já no primeiro édito, Diocleciano ordenou que os templos cristãos fossem destruídos, que as Bíblias e os livros litúrgicos fossem queimados, que os utensílios da Igreja fossem confiscados, que os cristãos perdessem o direito de ajuizar ação na Corte Judicial, e que os funcionários públicos cristãos fossem reduzidos a escravos (CROIX, 1954).

Posto isso, e considerando que os Evangelhos começaram a ser escritos nos anos 50 d.C., posso dizer que, *grosso modo*, tivemos 260 anos de história na qual os líderes cristãos adulteravam as Escrituras Sagradas ao passo que o Estado Romano as queimava. Quando os cristãos passaram a ter liberdade de culto (ano 313), lamentavelmente já não mais existia uma Escritura Sagrada original. Por essa razão, o argumento do texto majoritário é uma falácia. Não é possível dizer que tal leitura seja autorizada em virtude de ser aquela que se encontra na maioria dos antigos manuscritos bíblicos. Nossos manuscritos bíblicos mais

antigos datam de cerca do ano 350; e, nesse período, a grande maioria deles, se não todos, já estavam adulterados.

Até o presente momento, comprovei que a Escritura Sagrada é uma obra corrompida por mãos humanas, tanto nos próprios manuscritos gregos quanto nas traduções. Agora, usando como tema a Santa Ceia ou Eucaristia, passarei a demonstrar que, na Bíblia, há dois Cristos — o Cristo da Igreja, que celebrou a Santa Ceia por ocasião de sua morte; e o Cristo histórico e real, que não participou da Santa Ceia por ocasião de sua execução e que, por isso, não disse “fazei isto [a Santa Ceia] em memória de mim” (Lc 22.19).

A Festa da Páscoa é o evento judeu que marca a morte de Cristo. Era uma festa cívica, determinada pela Constituição do Estado de Israel, isto é, pela Lei de Moisés (Lv 23.5-8; Dt 16.1-8). A festa durava sete dias. O primeiro e o último dia da festa eram feriados anuais, isto é, eram *shabats* (Lv 23.7-8: “nenhuma obra servil fareis”). Diz-se *shabats* (plural), pois era como o judeu se referia ao feriado anual, ao passo que o feriado semanal (sétimo dia da semana) era chamado de *shabat* (singular). Durante os sete dias de festa, o judeu comia pão ázimo (Êx 12.15,19), isto é, pão não levedado (sem fermento). Por isso, a festa também era chamada de Festa dos Pães Ázimos. Com efeito, *Páscoa* designa apenas o feriado do primeiro dia da Festa dos Pães Ázimos.

O nome *páscoa* deriva do hebraico *pesach*, que significa *saltar* ou *pular*, uma vez que o anjo da morte pulou a casa dos hebreus no Egito, durante a décima praga. Mas *páscoa* também é o nome dado ao cordeiro sacrificado em função dessa festa (Êx 12.21: “e imolai a páscoa”; Dt 16.5: “sacrificar a páscoa”; Mt 26.17: “os preparativos para comeres a páscoa”; Lc 22.7, no grego: “na qual tinha de ser morta a páscoa”).

Para ser páscoa, o cordeiro deveria satisfazer três condições. A páscoa era um cordeiro macho, de até um ano, e sem defeito (Êx 12.5). A páscoa era obrigatoriamente sacrificada e limpa no pátio da Casa de Deus (Dt 16.6: “no lugar que o SENHOR, teu Deus, escolher para fazer habitar seu nome”), ou seja, no pátio do Templo de Jerusalém. A páscoa era obrigatoriamente sacrificada na tarde do dia anterior ao primeiro feriado da festa (Dt 16.4) ou, nas palavras da *Enciclopédia Judaica*, “o animal era morto na véspera da Páscoa” (SINGER, 1905).

A *Enciclopédia Judaica* (*id. ibid.*) e o *Um Dicionário da Bíblia* (SMITH, 1893) nos oferecem um quadro vívido do sacrifício pascal. O pai de família ou qualquer pessoa circuncidada e ritualmente limpa (batizada) levava o cordeiro por sobre os ombros, até o Templo de Jerusalém. O cidadão judeu (ou o sacerdote) sacrificava o animal no pátio do

Templo, cujo sangue era obrigatoriamente recolhido por um sacerdote numa tigela, para ser derramado na base do altar. O sacrifício pascal era feito à tarde, entre o meio-dia e o sacrifício do crepúsculo vespertino. O cidadão continuava seu trabalho: pendurava o cordeiro num gancho e, depois, esfolava e eviscerava o animal. A gordura, separada das vísceras, era recebida pelo sacerdote, num prato, para ser queimada no altar, no sacrifício feito diariamente no final da tarde. As vísceras, lavadas, eram recolocadas no abdômen do animal.

Uma música era cantada pelos levitas, e repetida até que todo o serviço se completasse. O cordeiro, assim preparado, era levado pelo chefe de família para ser assado em casa. Todo esse ritual era determinado pelas leis israelitas.

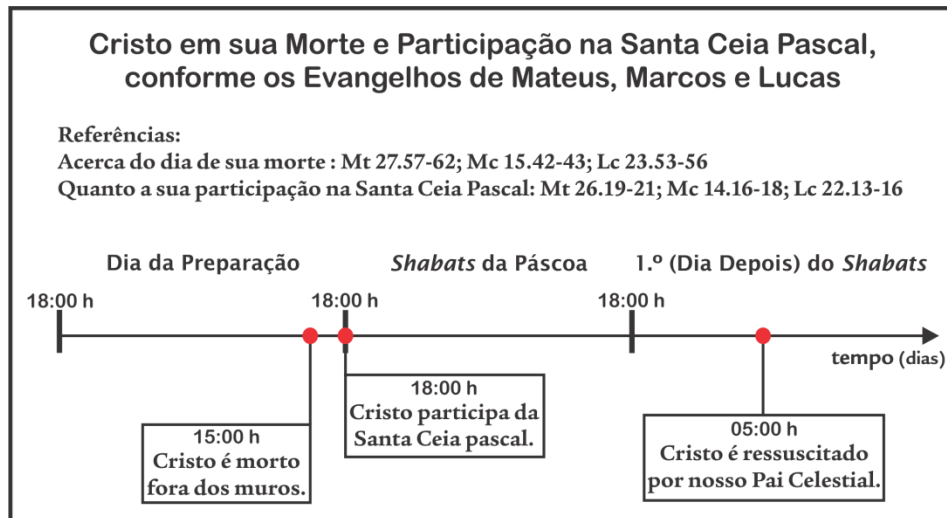
O dia anterior a um feriado judeu (semanal ou anual) recebia o nome de *parasceve* (Jo 19.14; παρασκευή, *paraskeyē*) ou ‘anteshabat’ (Mc 15.42; προσάββατον, *prosábbaton*). *Parasceve* quer dizer *preparação*, pois, sendo proibido o trabalho no *shabat* (feriado), o judeu deveria preparar-se para esse dia de descanso. Na véspera do feriado, o judeu tinha de comprar ou colher os alimentos, rachar a lenha, ordenhar o gado, matar o cordeiro ou a vitela, acender o fogão, arrumar a casa, acender as candeias (lâmparas), tirar todo o fermento de dentro de casa, etc. Dada a importância do Dia da Preparação, era usual incluí-lo entre os dias da Festa dos Pães Ázimos (Dt 16.4; Mt 26.17; Mc 14.12; Lc 22.7-8). Desse modo, a Festa dos Ázimos passava a contar oito dias, ao invés de sete.

Outro ponto que necessariamente se deve tratar, é o dia judeu. Em Israel, o período de um dia era contado das 18 horas de um dia até às 18 horas do dia seguinte. Logo, o *shabats* (feriado anual) da Páscoa começava às 18 horas do Dia da Preparação, com a refeição cerimonial denominada *Santa Ceia pascal*. E as horas diurnas eram contadas a partir do nascer do sol, às seis horas da manhã. Logo, a hora sexta era o nosso meio-dia.

Agora chegamos à *vexata quaestio*. Os quatro Evangelhos afirmam que Cristo morreu na tarde do Dia da Preparação (Mt 27.57-62; Mc 15.42-43; Lc 23.53-56; Jo 18.28; Jo 19.14,31,42), ao passo que apenas os Evangelhos sinópticos relatam a participação de Cristo na Santa Ceia pascal (Mt 26.19-21; Mc 14.16-23; Lc 22.13-20), por ocasião de sua morte.

Sabendo disso, é impossível não se perguntar: como Cristo participou da Santa Ceia pascal às 18h00 horas se ele havia morrido às 15 horas (Mt 27.46; Mc 15.34)?

Figura 2 – Cronologia dos eventos relativos à execução de Cristo, segundo os Evangelhos Sinópticos



Uma voz oficial diz ao povo cristão que Cristo celebrou a Santa Ceia pascal um dia antes de a data legal. É o que se lê, por exemplo, na *Bíblia Shedd*, quando ela comenta o texto de Mateus 26.20. Observe:

26.20 A tarde. O fim da quarta-feira e o começo da quinta. Jesus ia celebrar a Páscoa com seus discípulos com um dia de antecedência, pois no dia oficial do feriado religioso nacional da Páscoa, Ele mesmo estaria sendo retirado, morto, da Cruz, o Cordeiro de Deus imolado. (BÍBLIA, 1997, p. 1375. Grifo nosso).

Outra voz oficial não é tão peremptória ao se dirigir aos seminaristas cristãos. Veja:

Desse modo Mateus, Marcos e Lucas estabelecem distintamente que Jesús comeu a refeição pascoal, e o que poria a sua morte às três horas da tarde, no décimo quinto dia de Nisan. Porém há diversas passagens em João as quais à primeira vista parecem inconsistentes com a idéia que ele comeu a refeição pascoal. Se João realmente quis dizer isto, então há um insolúvel desacordo entre ele e os outros três evangelistas, estando um lado direito e o outro em erro, **a não ser que adotemos a suposição grandemente superficial de alguns escritores, que Mateus, Marcos e Lucas se referem a uma antecipação da refeição pascoal, com vinte e quatro horas de antecedência. Porém isto não pode ser; pois que, além da dificuldade de supor que o Salvador violasse assim a lei no ato de observá-la, quem pode crer que as autoridades do templo tivessem, com conhecimento de causa, permitido a morte do cordeiro pascoal antes do tempo, ou que Pedro e João o tivessem matado clandestinamente?** Um número de escritores recentes contendem ou assumem que a linguagem de João proíbe-nos crer que Jesús tivesse comido a pascoa. (BROADUS, 1967, p. 277-278. Grifo nosso).

Em verdade, Cristo não poderia ter celebrado a Santa Ceia pascal um dia antes de a data legal. O cordeiro somente é páscoa se satisfizer aquelas condições de espaço, modo e tempo, a saber: morto no pátio do Templo de Jerusalém, cujo sangue e gordura abdominal sejam entregues ao sacerdote para serem destinados ao altar, e que isso ocorresse na véspera

do feriado pascal. Desse modo, Cristo participou, sim, de uma ceia comum (um jantar) na noite anterior a sua morte (Jo 13.1-2; Jo 13.29). Jamais poderia ser uma Santa Ceia porque o cordeiro não era páscoa, e a ceia não ocorreu no início do feriado pascal.

Na autoridade de quem posso afirmar isso? Assim afirmo fundado na tradição mais antiga do texto bíblico. À exceção de fragmentos, geralmente com cinco ou oito versículos, datados do século III (papiros de Oxirrinco), os mais antigos manuscritos gregos do Novo Testamento datam do fim século III a meados do século IV, ou seja, anos 290-350 d.C. E sabemos que, nesse período, numerosas alterações já haviam sido realizadas na Escritura Sagrada. Entretanto, há os manuscritos em latim (*Vetus Latina*), os quais, embora datados do ano 350 em diante, repousam numa tradição bem mais antiga, uma vez que a *Vetus Latina* surge da tradução de manuscritos gregos anteriores aos atualmente existentes.

A consulta à *Vetus Latina* revela algo interessante. Nessa Bíblia, Cristo não disse “faça isto [a Santa Ceia] em memória de mim” (Lc 22.19). Comparemos o texto de Lucas 22.19-21 em nossa Bíblia e na *Vetus Latina*.

Nossa Bíblia atual (ano 1997). Nela, observamos os trechos “faça isto em memória de mim” e também “Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós” que não constam na *Vetus Latina*. Confira:

19. E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; **faça isto em memória de mim**. 20. Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: **Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós**. 21. Todavia, a mão do traidor está comigo à mesa. (Lucas 22.19-21, *Bíblia Shedd*. Grifo nosso).

***Vetus Latina* — no *Codex Vercellensis* (c. ano 350).** Recebe tal nome porque esse códice está abrigado na biblioteca da Catedral de Vercelli (Itália). Crê-se que é o mais antigo manuscrito dos Evangelhos em latim, na versão anterior à tradução de Jerônimo (*Vulgata Latina*). Em Mateus 3.15-16, registra que uma luz subitamente brilhou quando Jesus foi batizado, seguindo a mesma redação do *Codex Beza Cantabrigiensis*. Em Lucas 23.34, ele omite a frase “e disse Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”, como fazem o *Codex Sinaiticus*, o *Codex Beza Cantabrigiensis*, além de outros mais. Contudo, confira sua redação de Lucas 22.19-21: “19. Et, accepto pane, gratias egit, et confregit et dedit illis, dicens: 21. Hoc est corpus meum. Attamen ecce manus proditoris mei mecum super mensam” (BÍBLIA, 1894, p. 106). Que, traduzido do latim, passa a ser: “19. E, tendo recebido o pão, o agradecimento fez, e despedaçou-o e deu-lhes, dizendo: Este é meu Corpo.

21. Todavia, eis a mão do meu traidor, comigo sobre a mesa” (Bíblia, *Vetus Latina, Codex Vercellensis*, Lucas 22.19-21).

***Vetus Latina* — no *Codex Palatinus* (c. ano 450).** Suas folhas são de couro de vitela (velino) tingido de púrpura. O texto é escrito com tinta dourada e prateada. Encontra-se na Biblioteca Nacional da Áustria, em Viena. Veja sua redação do trecho em questão:

15 Dixit ad illos concupiscentiam concupi hoc pascha manducarae vobiscum priusquam patiar. 16 Dico enim vobis quia iam non manducabo illud doneque adimplear in regno di. 19 et accepit panem et gratias egit et fregit et dedit eis dicens: hoc est corpus meum. 17 Et accepit calicem et gratias egit et dixit accipite vivite [id est, bibite]⁴ inter vos. 18 dico enim vobis amodo non vivam [id est, bibam] amodo de potione vitis quoadusque regnum di veniat 21 verum ecce manus eius qui me tradat mecum super mensam 22 et filius quidem hominis secundum scripturam ante vadit. Verum vae illi per quem tradetur 23 illi autem coeperunt conquirere ad invicem quisnam esset quod hoc facturum esset. 24 erat autem et contentio in illis quisnam illorum videretur esse maior. (Bíblia, *Vetus Latina, Codex Palatinus*, Lucas 22.15-24).

Que, traduzido do latim, escreve-se:

15. Disse-lhes: Tenho ansiado com concupiscência comer convosco essa páscoa antes que eu padeça. 16. Porém, **digo-vos que, agora, não a comerei até que eu esteja aperfeiçoado** no reino de Deus. 19. E recebeu o pão, fez o agradecimento, e partiu-o, e deu-lhes, dizendo: Este é meu corpo. 17. E recebeu o cálice, fez o agradecimento e disse: Recebei e vivei [isto é, bebei] entre vós. 18. Porém, digo-vos que, doravante, não viverei [isto é, beberei] doravante da bebida da vide até que venha o reino de Deus. 21. Todavia, eis a mão daquele que há de me trair, comigo sobre a mesa. 22. E, em verdade, o filho do homem vai conforme o que foi escrito antes. Todavia, ai daquele por quem ele será traído. 23. Eles, porém, começaram a inquirir reciprocamente quem seria esse que o faria. 24. Entretanto, houve uma contenda entre eles: quem deles deve ser reconhecido o maior? (Bíblia, *Vetus Latina, Codex Palatinus*, Lucas 22.15-24. Grifo nosso).

Citei essas duas Bíblias para demonstrar que Cristo não disse “faça isto em memória de mim” (Lc 22.19). Todavia, ainda poderia ter citado o *Codex Beza Cantabrigiensis* (ano 400), o *Codex Corbeiensis II* (ano 450), e o *Codex Veronensis* (ano 450), que são Bíblias da *Vetus Latina* nas quais Cristo também não dá a ordem para a realização da Santa Ceia.

Além da tradição bíblica mais antiga e que comprova a inexistência de ordem para a realização da Eucaristia nos templos cristãos, ainda posso descansar na autoridade dos primeiros pais da Igreja. Esses primeiros pais ensinaram que Cristo não participou da Santa Ceia pascal por ocasião de sua morte. E, não tendo participado, ele não poderia ter ordenado a celebração desse ritual eucarístico.

⁴ SMITH, M. A. The lukan last supper narrative. *Texte und Untersuchungen zur Geschichte der Altchristlichen Literature*, Berlin, band 112, p. 503 (nota de rodapé), 1973. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=vWIOAQAIAAJ>>. Acesso em: 27 jul. 2019.

Inácio de Antioquia (c. 35 – c. 108 d.C.) dá-nos a cronologia da morte e ressurreição de Cristo. Observe que, consoante esse pai da Igreja, Cristo morreu na tarde do Dia da Preparação, ou seja, antes da Santa Ceia pascal:

No Dia da Preparação, portanto, à hora terceira, ele recebeu a sentença de Pilatos, pela permissão do Pai. À hora sexta, ele foi estaqueado [ἐσταυρώθη, *estayrōthē*]; e, à hora nona, ele expirou. Antes do pôr do sol, ele foi sepultado. No feriado, ele permaneceu sob a terra, naquela tumba em que José de Arimateia o depositou. No alvorecer do dia do Senhor, ele ressurgiu dos mortos conforme ele mesmo disse: “Assim, o filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra”. Logo, o Dia da Preparação contém a paixão; o feriado, a inumação; e o dia do Senhor, a ressurreição. (DE ANTIOQUIA *apud* WHISTON, 1711, p. 219-221)

Clemente de Alexandria (c. 150 – c. 215 d.C.), pai da Igreja, não se afasta do ensino de Inácio de Antioquia. De acordo com o pai Clemente, Cristo não comeu a páscoa na iminência de sua morte:

Cristo sempre comeu o cordeiro pascal com seus discípulos nos seus anos anteriores, **mas não no último ano de sua vida**, no qual Ele foi o próprio cordeiro imolado sobre a cruz. Cristo morreu em 14 de *Nisan*; e **após sua morte, no anoitecer do mesmo dia, os judeus celebraram a Festa da Páscoa deles**. (DE ALEXANDRIA *apud* HEFELE, 1894, p. 312. Grifo nosso).

Hipólito (c. 170 – c. 235 d.C.), presbítero da Igreja de Roma, ensina a mesma lição. Confira:

Eu percebo, então, que a matéria é uma [matéria] de disputa. Pois ele [o oponente de Hipólito] diz assim: “Cristo observou a ceia, então, naquele dia, e então padeceu; logo, é necessário que eu também deva observá-la da mesma maneira, como o Senhor fez”. **Mas ele tem caído em erro ao não perceber que, no tempo em que Cristo padeceu, Ele não comeu a páscoa da lei**. Pois Ele era a páscoa que tinha sido proclamada pelo Antigo [Testamento], e que foi satisfeita naquele determinado dia. (DE ROMA *apud* ROBERTSON; DONALDS, 1869, p. 94. Grifo nosso).

Reunindo assim, os antigos textos cristãos, torna-se possível retratar uma história da Igreja no que se refere à instituição da Santa Ceia (Eucaristia). Dois partidos cristãos contendiam. Um partido defendia o despropósito da execução do ritual da Santa Ceia. Porque a Santa Ceia (sobretudo na forma como é celebrada hoje) é um ritual pagão, e Cristo aboliu os rituais pagãos pondo fim ao culto israelita (cujos rituais têm origem pagã) e estabelecendo uma nova forma de culto. Com o Evangelho, o culto passa a ser espiritual (Jo 4.20-24), um culto que consiste em abandonar a conduta torta para praticar a conduta reta (veja a Carta de Tiago).

O outro partido amava os rituais e tinha certo apreço pelo Paganismo. Quando se tentava instituir o ritual da Santa Ceia, o partido contrário alegava que lhe faltava apoio

bíblico — como de fato faltava, pois Cristo não celebrara a Santa Ceia pascal ao tempo de sua morte. O que esse segundo partido fez? Forjou o texto bíblico no qual Cristo participava da Santa Ceia pascal imediatamente antes de sua execução.

Em resposta, o primeiro partido alegava que o fato de Cristo ter participado dessa Santa Ceia não autorizava os cristãos a celebrá-la. Pois não havia ensino ou ordem de Cristo a respeito. O que fez o segundo partido? Fabricou outro manuscrito bíblico no qual acrescentava a ordem de Cristo para os cristãos celebrarem a Santa Ceia: “faça isto em memória de mim” (Lc 22.19). A Bíblia, então, lamentavelmente, passou a ter dois Cristos.

O peso das evidências aqui apresentadas, autoriza-nos a afirmar que, na Bíblia, há o Cristo da Igreja — que, antes de sua morte, celebrou a Santa Ceia pascal e ordenou aos cristãos sua realização (Mt 26.19-21; Mc 14.16-23; Lc 22.13-20); e há também o Cristo histórico e real — que participou de um simples jantar antes de sua execução (Jo 13.1-2; Jo 13.29); que não ordenou a celebração de Santa Ceia (Eucaristia); que morreu ao mesmo tempo em que as páscoas eram sacrificadas no pátio do Templo de Jerusalém, no Dia da Preparação; e que, por isso, não tomou parte na Santa Ceia pascal ao tempo de sua morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Shedd: Antigo e Novo Testamentos**. Trad. João Ferreira de Almeida. 2ª ed. Com notas de estudo editadas pelo Dr. Russell P. Shedd. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997. p. 1375.

BÍBLIA. NT. Os quatro Evangelhos. Latim (versão antiga). **Codex Vercellensis**. Editado por Johannes Engebretsen Belsheim. Christiania [Oslo]: Libreria Mallingiana, 1894. p. 106. Disponível em: <<https://archive.org/details/codexvercellensi00bels>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BÍBLIA. NT. Os quatro Evangelhos. Latim (versão antiga). **Evangelium Palatinum**. Editado por Johannes Engebretsen Belsheim. Christiania [Oslo]: Jacob Dybwad, 1896. p. 84. Disponível em: <<https://archive.org/details/evangeliumpalat00natigoog>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BÍBLIA. NT. Grego. **Novum Testamentum vaticanum** – post Angeli Maii aliorumque imperfectos labores ex ipso codice. Edidit Fried. Constantin von Tischendorf. Lipsiae [Leipzig]: Giesecke & Devrient, 1867. p. 278 (nota de rodapé). Disponível em: <<https://archive.org/details/novumtestamentum00tisc>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

BROADUS, John A. **Comentário do evangelho de Mateus**. Trad. Theodoro R. Teixeira. 3ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967. p. 277-278. Volume II.

CROIX, G. E. M. de Saint. **Aspects of the “great” persecution.** The Harvard Theological Review, Harvard (MA), v. 47, n. 2, p. 75-76, 1954. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1508458>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

DE ALEXANDRIA, Clemente. **Fragmentos.** In: HEFELE, Karl Josef von. A history of the Christian councils. Translated by William R. Clark. Edinburgh: T. & T. Clark, 1894. p. 312. Volume I. Disponível em: <<https://archive.org/details/historyofchristi00hefe>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

DE ANTIOQUIA, Inácio. **Carta aos Trálios – versão maior, IX.** In: WHISTON, William. Primitive Christianity revived. London: printed for the author, 1711. p. 219-221. Volume I. Disponível em: <<https://archive.org/details/primitivechristi01whis>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

DE CORINTO, Dionísio. In: SCHWARTZ, Eduard; MOMMSEN, Theodor (Org.). Die Griechischen Christlichen Schriftsteller – Eusebius werke. Leipzig: J. C. Hinrichs, 1903. p. 378. Tomo II, parte 1 [texto grego de Eusébio com a tradução latina de Rufino]. Disponível em: <<https://archive.org/details/p1eusebiuswerke02euse>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

DE ROMA, Hipólito. **Fragmentos.** In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (Org.). Ante-Nicene Christian library: translations of the writings of the Fathers down to A.D. 325 – The Writings of Irenaeus and The Extant Works and Fragments of Hippolytus. Translated by Alexander Roberts and W. H. Rambaut (Irenaeus) and by S. D. F. Salmond (Hippolytus). Edinburgh: T. & T. Clark, 1869. p. 94. Volume IX (parte II). Disponível em: <<https://archive.org/details/antenicenechrist09robe>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

EHRMAN, Bart Denton. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse?** – quem mudou a Bíblia e por quê. Trad. de Marcos Marciolino. 1ª ed. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2017. p. 54, 66.

EUSEBIUS, Bishop of Caesarea. **The ecclesiastical history and the martyrs of Palestine.** Trad. Hugh J. Lawlor and John E. L. Oulton. London: SPCK, 1927. p. 130. Vol. I. Disponível em: <<https://archive.org/details/SPCKEusebius1>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma: antiguidade clássica II.** 7ª. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1983. p. 331.

GOHL, Justin M. **Origin of Alexandria. Commentary on the Gospel according to Matthew – Book 15.** [s. l.; s. n.], 2017. p. 31. Disponível em: <<https://www.academia.edu/31581897>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

MICHAELIS, Johann David. **Introduction to the New Testament.** Translated from the fourth edition of the German. 2nd edition. London: Luke Hanford printer, 1802. p. 368. Volume II. Part 1. Disponível em: <<https://archive.org/details/introductiontone21mich>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

PERRELLA, Gaetano M.; VAGAGGINI, Luigi. **Introdução à Bíblia: introdução geral com antologia exegética.** Direção geral de P. Teodorico Ballarini. Trad. Frei Simão Voigt. Petrópolis (RJ): Vozes, 1968. p. 202-203. Volume I.

PIKE, Albert. **Morals and dogma of the ancient and accepted scottish rite of Freemasonry**. Charleston: A. M. 5632, 1946. p. 105. Disponível em: <<https://archive.org/details/moralsdogmaofanc00pike>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. Trad. Paulo Fróes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1996. p. 28-29.

SINGER, Isidore (Editor). **The Jewish encyclopedia**. New York; London: Funk and Wagnalls, 1905. p. 556. Volume IX. Verbete *Passover Sacrifice*. Disponível em: <<https://archive.org/details/TheJewishEncyclopediaFunkWagnallVolIXMorawczykPhilippson1902>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SMITH, William (Editor). **A dictionary of the Bible. In three volumes**. London: John Murray, 1893. p. 714-715. Volume II. Verbete *Passover*. Disponível em: <<https://archive.org/details/dictionary02smit>>. Acesso em: 20 jun. 2019.